

Memórias de leitura e formação de professores: considerações sobre a apropriação da fala do outro

Ana Lúcia Guedes-Pinto*

Introdução: o porquê de uma releitura

Este artigo foi escrito, inicialmente, para ser apresentado no XV Congresso Internacional de História Oral que ocorreu no México, na cidade de Guadalajara, em 2008.¹ No entanto, por conta de questões pessoais, não pude participar do evento, apenas enviei o texto para os anais. Dessa forma, a discussão em torno do recorte escolhido para problematizar a relação entre entrevistador e entrevistado na perspectiva teórico-metodológica da história oral (HO) não pôde ser feita. Na ocasião fiquei frustrada por não ter podido estar presente ao debate da sessão de comunicação e perdido a oportunidade de compartilhar o trabalho. Além disso, o ponto focado – a apropriação da fala do outro – tem sido um tema frequente nos encontros dos grupos de pesquisa dos quais participo e nas aulas sobre metodologia de pesquisa que ministro; diversas foram as vezes em que o assunto veio à tona. Assim constituiu-se a motivação de retomar o texto escrito em 2008 e revisitá-lo depois de passados sete anos, na expectativa de trazer mais um ponto para debate.

* Professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), líder dos grupos de pesquisa Aula – Trabalho Docente na Formação Inicial e Letramento do Professor. E-mail: alguedes@mpc.com.br.

1 O trabalho foi assim intitulado: *Contribuciones de la historia oral en la investigación acerca de la formación de profesores y sus memorias de prácticas de literacidad (letramento en Brasil): apuntes sobre la apropiación del discurso del otro.*

A questão propriamente dita se configura no processo de compreensão do discurso alheio e de tomada da palavra do outro pelo pesquisador. Esse aspecto – muitas vezes polêmico – sempre me mobilizou como pesquisadora. Creio que tal interesse está permeado das preocupações metodológicas presentes na HO. Portelli (2001), autor renomado no campo da HO, aborda esse aspecto do trajeto entre a escuta da história narrada pelo depoente ao pesquisador até a elaboração de um discurso escrito, publicado e divulgado no meio acadêmico. A respeito disso, assevera ele:

Enquanto os gêneros de expressão oral e cultural atuam dentro do mundo da oralidade, a história oral se inicia na oralidade do narrador, mas é encaminhada (e concluída) em direção ao texto escrito do historiador. Os narradores orais estão cientes dessa destinação escrita e têm isso em mente na medida em que dão forma às suas performances; por outro lado, a tarefa do historiador ‘oral’ é escrever de tal modo que os leitores constantemente relembrem as origens orais do texto que estão lendo. (Portelli, 2001, p. 13).

O autor focaliza ao mesmo tempo as exigências da pesquisa acadêmica, feita pelo pesquisador da HO, e as especificidades do gênero oral, presentes na fala daquele que conta sua história e nos fornece seu depoimento. Portelli desenvolve, portanto, a problemática envolvida na construção do texto escrito pelo historiador oral (como ele próprio reconhece, temos de enfrentar a ironia de a HO difundir-se mais pelo meio escrito), que se alimenta da fala do outro. Tal texto pode se originar, muitas vezes, de uma fala marcada por uma característica estética (como a declamação de um poema, por exemplo), trazendo com isso elementos de um determinado gênero do discurso. Trata-se de um desafio a ser enfrentado pelo pesquisador, alerta ele, ao construir as articulações do texto de divulgação com os resultados da pesquisa, de forma que nele seja respeitado o modo de enunciação daquele que cedeu seu depoimento. Alberti (2004, p. 10), por seu turno, também chama a atenção para esse aspecto do trabalho de pesquisa e destaca que é preciso saber “ouvir contar”, ou seja, “apurar o ouvido”, buscando sempre uma postura de escuta do outro. Reforçando a ideia de “ouvir contar”, a autora ressalta que a entrevista, na perspectiva da HO, apresenta um potencial a ser explorado porque reconhece a vivência (tanto referente ao passado que é contado quanto à própria vivência do narrar) como um rico tempo/ espaço de acontecimentos. Em função disso, sublinha a “responsabilidade e o rigor de quem colhe, interpreta e

divulga entrevistas” (Alberti, 2004, p. 22). Alberti e Portelli, cada um com suas preocupações, sinalizam que o diálogo entre o oral e o escrito se constitui num aspecto a ser observado com cuidado por quem se utiliza da HO em suas investigações.

Aproximando-se da discussão sobre a passagem de um texto oral para o escrito feita por Portelli e por Alberti, Bakhtin (1997), crítico literário e estudioso da linguagem, também toma para reflexão as questões relativas às regularidades e às singularidades presentes nos diferentes gêneros de discurso. Ao problematizar esse tema, destaca a postura de compreensão responsiva entre os sujeitos como parte do complexo processo comunicativo da cadeia verbal estabelecida entre eles. O autor afirma, a respeito da complexidade da teia interlocutiva: “A variedade dos gêneros do discurso pressupõe a variedade dos escopos intencionais daquele que fala ou escreve. O desejo de tornar seu discurso inteligível é apenas um elemento abstrato da intenção discursiva em seu todo” (Bakhtin, 1997, p. 291). Bakhtin focaliza as nuances que constituem cada gênero discursivo, sinalizando que, na cadeia comunicativa, uma multiplicidade de sentidos transita e cada sujeito busca nas marcas da enunciação, por meio da compreensão responsiva, entender o outro.

Podemos dizer que Portelli, Alberti e Bakhtin abordam, cada um a seu modo, a busca pela compreensão e pela construção conjunta daquilo que é dito e negociado no processo de produção discursiva oral e escrita. Tornar o discurso “inteligível” de forma que ele mantenha suas “origens orais”, eis um dos desafios que o pesquisador da HO enfrenta. Este, então, é o tema que pretendo aqui problematizar.

Situando a questão sobre a apropriação da fala do outro

Regina² tem 31 anos, é casada e tem um filho. [...] É natural de Vitória, Espírito Santo. Sua mãe sempre trabalhou fora para conseguir sustentá-la, pois seu pai abandonou a família quando ela tinha um ano e meio. *Foi criada praticamente pela avó*, analfabeta que, depois dos 60 anos, passou a frequentar o Mobral.³ (Guedes-Pinto, 2000, p. 115, grifo meu).

2 Os nomes dos entrevistados aqui citados são fictícios.

3 O programa Mobral foi uma política educacional federal que se desenvolveu principalmente na década de 1970 com o objetivo de alfabetizar adultos.

Esse trecho faz parte da apresentação de uma das professoras entrevistadas durante a realização da minha pesquisa de doutorado. O tema era focado nas memórias (pessoais e profissionais) de práticas de leitura das professoras-alfabetizadoras da rede de ensino público do município de Campinas, no estado de São Paulo.⁴

Entrevistei a professora Regina no dia 1º de dezembro de 1998 em sua casa. Fui apresentada a ela em 20 de novembro daquele ano pela professora Marina, com quem tinha acabado de realizar uma entrevista na escola em que ambas trabalhavam. Marina me indicou o nome de Regina para também participar do grupo de professoras que eu estava pesquisando. Naquele mesmo dia apresentei, então, o projeto de pesquisa que estava desenvolvendo a Regina e, assim, consegui seu consentimento para a entrevista. Fui à sua casa à noite, após a professora ter chegado de seu turno de trabalho. Naquela data específica, Regina não teria aula no curso de jornalismo que frequentava todas as noites. Tivemos uma longa conversa, bastante agradável e acolhedora. Depois desse dia, mantivemos contato regular por meio de diversas conversas por telefone⁵ e nos encontramos mais uma vez, também em sua casa, no dia 23 de janeiro de 2001, quando retornei para entregar a ela pessoalmente um exemplar da tese.⁶

Em junho, quatro meses e meio depois, tivemos mais uma conversa por telefone, quando Regina me relatou suas considerações acerca do trabalho que lhe tinha entregado. A professora, então, contou que, ao ler para sua mãe o trecho que a apresentava como sujeito pesquisado, ela (sua mãe) tinha ficado muito chateada. Regina me disse que a redação do texto tinha dado a impressão – para ela e para sua mãe – de que, por trabalhar fora de casa e precisar de ajuda (da avó materna de Regina) para tomar conta de seus filhos enquanto tinha de estar ausente, a mãe não cuidava direito da filha. Eis o trecho tal como estava escrito, novamente: “Sua mãe sempre trabalhou fora para conseguir sustentá-la, pois seu pai abandonou a família quando ela tinha um ano e meio. Foi criada praticamente pela avó [...]”.

4 A tese, defendida em 2000 e publicada em 2002, intitula-se *Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais*.

5 Todas as conversas e os encontros foram anotados em meu diário de campo, que começou em junho de 1997 e manteve registros até junho de 2001.

6 A professora já havia, nesse meio-tempo, lido a transcrição integral de nossa entrevista e me dado seu retorno.

Em nossa conversa, após ela ter me contado a reação à leitura, além de me desculpar pelo aborrecimento provocado pelo texto escrito, procurei explicar que não tinha intenção alguma de passar aquela impressão. Disse-lhe que apenas quis destacar, naquele trecho, que a mãe de Regina tinha trabalhado muito e se esforçado para conseguir criá-la, e que a avó era quem tinha dado o suporte necessário. Naquele momento, ao telefone, também disse a ela que gostaria de alterar o que estava escrito de maneira que não transmitisse mais a ideia que tanto tinha magoado sua mãe. Pedi uma sugestão da professora para que nós duas, juntas, escrevêssemos de outro modo aquele mesmo trecho. Eis a sugestão, imediatamente incorporada, tal qual foi publicada no livro que se originou da tese:

Regina tem 31 anos, é casada e tem um filho. [...] É natural de Vitória, Espírito Santo. Sua mãe sempre trabalhou fora para conseguir sustentá-la, pois seu pai abandonou a família quando ela tinha um ano e meio. *Foi criada com o auxílio da avó*, analfabeta que, depois dos 60 anos, passou a frequentar o Mobral. (Guedes-Pinto, 2002, p. 120-121, grifo meu).

Para a professora e para mim também, depois da alteração feita à escrita do texto, o efeito de sentido da leitura pareceu mais próximo e adequado à situação relatada. A pequena mudança na redação representou uma grande satisfação para a pesquisada, a professora Regina, e também para a sua mãe. Em função desse episódio vivido na pesquisa com a professora Regina, desenvolvo a seguir algumas considerações acerca do processo de apropriação da fala do outro por nós, pesquisadores na perspectiva da HO, na escrita de nossos trabalhos.

A entrevista e o uso da fala do outro na perspectiva da história oral: algumas considerações

Embora o procedimento de realização de entrevistas seja bastante antigo na pesquisa em ciências humanas, a HO propõe uma forma de compreensão muito particular sobre a relação pesquisador-pesquisado, sobre o uso dos depoimentos dos sujeitos pesquisados e o sobre nosso papel como pesquisador. A perspectiva de trabalho da HO nos leva sempre a questionar a respeito da ética e dos limites que se colocam na pesquisa. Portelli

(1996), ao problematizar a subjetividade, considerada por ele constitutiva do processo da pesquisa, chama a atenção para que “recordar e contar já é interpretar”; assim também o texto elaborado por nós é resultado de interpretações.

Amado (1997), ao analisar a relação da HO com a ética, pontua diversos aspectos característicos do trabalho do historiador oral que produzem em nós, pesquisadores, “um profundo sentimento de responsabilidade” – responsabilidade que Alberti (2004) também nos relembra. Sobre a relação entre o pesquisador e os informantes, Amado destaca:

[...] o que em verdade acontece é uma relação *desde o início* negociada, caracterizada pelas trocas entre os objetivos do historiador (escrever a pesquisa acadêmica e, se possível, transformá-la em livro) e os do informante (levar sua experiência até outros círculos sociais, via produto final do trabalho do historiador). (Amado, 1997, p. 154, grifo no original).

Ainda sobre as especificidades da HO, Portelli (2001, p. 11-13) defende que a HO é um gênero composto – ao mesmo tempo um gênero de narrativa e um gênero histórico –, constituindo-se assim num agrupamento de gêneros que, como tal, tem seu início na oralidade e a sua conclusão no texto escrito do historiador. O autor, então, discute diversas questões que se delineiam entre a passagem do texto falado para o escrito, questões sobre como o pesquisador organiza o texto do outro que ele escuta. Portelli sinaliza que esse caminho de um gênero para o outro implica várias mudanças, que decorrem de escolhas e possibilidades de sistematização do texto escrito. Essa passagem envolve sutilezas que às vezes nos surpreendem pelos efeitos que podem produzir, como o que vivi por conta dos desdobramentos da leitura do texto da tese feita pela professora Regina à sua mãe.

Objetivo, portanto, discutir alguns aspectos dessa “passagem” entre o que nós, pesquisadores, ouvimos das histórias alheias e o discurso que produzimos quando as inserimos em nossos trabalhos acadêmicos. Para isso, trago a perspectiva das ciências da linguagem como uma contribuição para problematizar as marcas linguísticas das enunciações dos sujeitos.

Da frase “foi criada praticamente pela avó”, inicialmente apresentada na tese, para a frase “foi criada com o auxílio da avó”, como foi publicada no livro, identificam-se diferenças não só de léxico, mas também de sentido. No campo da linguística há abordagens, como a semântica argumentativa

(Ducrot, 1981), que nos alertam para o fato de que nem sempre aquilo que dizemos ou escrevemos coincide com aquilo que é ouvido ou lido. A materialidade linguística da fala e da escrita produz efeitos no sujeito ouvinte ou leitor, como o que aconteceu na leitura em voz alta feita por Regina à sua mãe. Por isso é importante nos determos nos marcadores discursivos. Em outras palavras, podemos muitas vezes dizer coisas que não traduzem exatamente aquilo que queríamos de fato contar. E no nosso caso, em que nos nutrimos da escuta do outro e de incorporar em nossos textos seus dizeres, ter atenção às marcas linguísticas pode contribuir para nos aproximarmos dos sentidos atribuídos por nossos entrevistados às suas narrativas.

Voltando aos fragmentos transcritos, as duas frases destacadas nos trechos de apresentação da professora (a da tese e a do livro) estão escritas em seguida da mesma afirmativa (não modificada) que informa que a mãe trabalhava fora para sustentar a filha, pois o pai tinha abandonado a família. Ou seja, as duas frases (a original e a modificada) têm a intenção de explicar que a avó foi uma figura muito importante na criação da menina Regina. Porém, no primeiro caso, em que está escrito “foi criada praticamente pela avó”, o advérbio – “praticamente” – modifica aquilo que é informado. Com o uso do advérbio, foi alterada a mensagem anterior, qual seja a de que sua mãe a criava também. Provavelmente esse foi um dos efeitos de sentido produzidos na leitura do texto que chatearam a mãe da professora.⁷ Observa-se que, na construção textual que a professora Regina sugeriu para a reescrita, “foi criada com o auxílio da avó”, houve a supressão do advérbio – “praticamente” – e a inserção em seu lugar de um substantivo – “o auxílio” – que especifica que a avó ajudou a mãe a criá-la, mas não modifica nem desqualifica o que foi informado antes. Portanto, outro sentido se produz. Possivelmente, com essa adequação na escrita da frase, tenhamos conseguido melhor traduzir o que minha interlocutora me contou no momento da entrevista.

Creio que esse episódio revela a importância de refletirmos sobre o nosso papel na relação com o outro na pesquisa e sobre o quão sutis e tênues são as questões que adentramos quando tornamos a fala de outrem nosso discurso.

7 Especificamente com relação à atribuição de sentidos à leitura, Koch e Elias (2008), linguistas da perspectiva da linguística textual, ressaltam que aspectos como os marcadores discursivos presentes no texto escrito, o contexto de leitura e a relação leitor-texto se associam na construção dos sentidos do que se lê.

Aproximações entre a escuta do outro e os textos produzidos por nós, historiadores orais: apontamentos sobre a transcrição

A partir da problematização desse episódio acerca dos efeitos de sentido produzidos com a leitura do texto acadêmico, ocorrido na época de meu doutoramento, passo a discutir agora questões que envolvem a leitura de transcrições de entrevistas realizada pelos sujeitos entrevistados. Na base dessas considerações está o desenvolvimento de um projeto de pesquisa intitulado *Formação do professor: processos de retextualização* e práticas de letramento que englobou quatro equipes de trabalho.⁸ A equipe que coordenei teve como foco recuperar as memórias de práticas de letramento dos professores em formação inicial.⁹

Nosso grupo procurou seguir orientações sobre a ética na pesquisa presentes nos estudos de Thompson (1992), Portelli (1997), Amado (1997) e Guedes-Pinto e Park (2001), entre outros. Com relação à devolução das transcrições das entrevistas, utilizamos a seguinte conduta: todas as transcrições, assim que finalizadas, eram enviadas aos sujeitos entrevistados. No momento mesmo da entrevista já ficava combinado com o entrevistado o modo como seria encaminhada a ele a devolução da transcrição. Também era destacada por nós a importância do retorno com as impressões sobre a leitura do texto transcrito, as concordâncias e possíveis discordâncias. Procurávamos ainda esclarecer que, para fazer uso das entrevistas em nossos trabalhos, para divulga-las ou não no estudo, por exemplo, esperaríamos primeiro pela anuência deles à transcrição. Ou seja, fazia parte do momento da entrevista a negociação desse retorno.

Para efetivarmos a devolução e o retorno da leitura dos textos transcritos, optamos pelo uso da internet, em função das apertadas agendas dos pesquisadores e dos entrevistados. No contexto do trabalho de campo, nos contatos que fizemos para o agendamento dos encontros para as entrevistas, várias indicações nos foram dadas de que o tempo de que os sujeitos dispunham

8 Trata-se de um projeto temático finalizado em setembro de 2007, financiado pela Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), processo nº 2002/09775-0.

9 Os sujeitos da pesquisa eram estudantes dos cursos diurno e noturno da Licenciatura em Pedagogia de uma universidade pública do estado de São Paulo.

era escasso e de que o contato proporcionado pelas mensagens eletrônicas se constituía num aliado ao desenvolvimento da pesquisa. Portanto, o retorno com as impressões dos sujeitos entrevistados sobre a leitura das transcrições ocorreu por e-mail.

Modos de significação da transcrição da entrevista: algumas questões

Nas mensagens trocadas por e-mail, chamaram atenção as diferentes maneiras com que os sujeitos entrevistados se posicionaram ante o texto transcrito recebido.¹⁰ Essas peculiaridades com relação ao retorno da transcrição me instigaram a refletir sobre a relação pesquisador-pesquisado – sobre a qualidade dessa relação, sobre o engajamento do entrevistado na pesquisa e sobre a diferença que esse retorno faz no processo de elaboração do trabalho de campo e de toda a pesquisa. Portelli sublinha a relevância desse momento do retorno:

Aquilo que realmente restituímos é uma *oportunidade* para as pessoas com quem conversamos organizarem seus conhecimentos com maior clareza: um desafio para aumentarem sua consciência, para estruturarem aquilo que já sabemos – processo que começa com a entrevista e continua, à medida que se defrontam com nossas conclusões. (Portelli, 1997, p. 30, grifo meu).

Pretendo, com a problematização que desenvolverei a seguir, fornecer algumas indicações sobre essa “oportunidade” em que se pode converter uma das fases da restituição.

Alguns depoentes mostraram-se sucintos no seu retorno, como se pode constatar no caso de Flávia,¹¹ que escreveu a seguinte mensagem após a leitura do arquivo com o texto transcrito:

10 Importante mencionar que diversos autores, tanto da HO como de outros campos das ciências humanas, se referem à entrevista gravada como o documento genuíno gerado na pesquisa. As transcrições nunca conseguirão de fato traduzir exatamente a entrevista; há sempre o risco de não fazerem jus ao momento vivido (sobre isso, ver as considerações de Portelli (1997), Certeau (1985), Joutard (2000) e Alberti (2004), entre outros).

11 Conforme já informado, os nomes dos sujeitos entrevistados são fictícios.

Ok Ana Lucia,¹²
já li a entrevista ... por mim está tudo certo....
um abraço,
até as aulas...
carinho, [...].¹³

A mensagem de Flávia, embora sintética, fornecia-nos o aval para que prosseguíssemos com os trabalhos¹⁴ e nos dava tranquilidade para que utilizássemos a transcrição caso estivéssemos a escrever algum artigo, incluindo-a no texto.

Ocorreram outros tipos de retorno nos quais não só o sujeito externalizava sua concordância com o texto, mas também reiterava a disponibilidade para a pesquisa, como é demonstrado na mensagem de Adriana:

Oi Ana, tudo bem?
Desculpa a demora da resposta, mas só agora consegui ler tudo. Não tenho nada a acrescentar ou arrumar na entrevista. Espero que tenha ajudado na sua pesquisa e se precisar de mais alguma coisa é só me mandar um e-mail.
Um abraço.

Já as mensagens de Fernando e de Lígia, a seguir, revelam preocupação com relação à maneira como foi elaborada a transcrição. Provavelmente essa preocupação e essa impressão – negativa – tenham sido produzidas ao verificarem que constavam no texto as marcas de linguagem características da modalidade oral. Lígia comenta o seguinte:

Oi Ana Lúcia,
Desculpa por demorar em responder, estive sem acesso à internet, pra mim está tudo certo (só achei horríveis meus vícios de linguagem, mas é bom para eu prestar mais atenção na hora de falar.)
Abraços
Lígia
se precisar de mais alguma coisa estou à disposição.

12 O meu nome foi mantido. Neste artigo utilizo os contatos das entrevistas que eu mesma realizei junto aos sujeitos.

13 O texto das mensagens eletrônicas foi mantido conforme sua escrita, respeitando-se o estilo do meio eletrônico, como o uso de palavras abreviadas, o não uso de maiúsculas para início de frase etc.

14 Nas entrevistas, todos os depoentes assinaram o termo de consentimento que autoriza o uso das transcrições.

Já Fernando, na mensagem em que diz concordar com o texto apresentado, também faz perguntas sobre como seria seu uso, revelando certo receio e, com isso, deixando subentendido que estava em dúvida ou inseguro em relação à transcrição de sua entrevista.¹⁵ Após esclarecimentos fornecidos por meio de uma mensagem encaminhada a ele, Fernando sugere estar mais confortável com seu posicionamento: sua segunda resposta resume-se, simplesmente, a um “Ok!”. Segue a sequência de mensagens (da última para a primeira, respeitando a organização típica do formato de correio eletrônico):

OK!!!!!!

ME DESCULPE, MAIS UMA VEZ, PELA DEMORA EM RESPONDER.

ABRAÇO: FERNANDO

Oi Fernando,

A transcrição original fica assim, mas para uso dela em artigos ou em apresentações orais de congresso a gente costuma “editar” as partes escolhidas, isto é, tiramos os vícios de linguagem típicos da modalidade da linguagem oral, e também corrigimos os erros de português, caso tenham algum. Somos a favor de apresentar uma linguagem “normal”, que não desqualifique o depoimento.

Tudo bem assim para vc?

Abraços,

Ana Lúcia

----- Original Message -----

Sent: Wednesday, November 09, 2005 8:01 PM

Subject: Re: transcrição

Olá, prof^a. Um milhão de desculpas pela demora. Ñ vejo meus e-mails a um “tempão”.

Já ouviu a expressão: “Inferno Astral”? Se existe... estou no 1/2 do meu.

15 Considero que seja provável que Fernando não tenha sido mais enfático com relação à sua preocupação com o texto transcrito em função dos lugares sociais que ocupávamos. Além de a relação de entrevista contar com as diferenças entre o pesquisador e pesquisado, havia o fato de ele ter sido meu aluno, isto é, a relação professora-aluno constituía-se como parte da entrevista. Esse aspecto foi problematizado no decorrer do estudo, mas não cabe nos contornos deste artigo.

A transcrição está ótima. No entanto, gostaria de lhe fazer a seguinte pergunta: Todos estes vícios de linguagem vão para o trabalho final? Pois vejo q a Sr^a foi bem fiel a tudo q eu disse e da forma como eu disse (estou falando da linguagem oral passada para o papel).

Pois, se para a sr^a está tudo bem, para mim, está ótimo. Muito obrigado pela oportunidade.

Mais uma vez, perdoe a demora.

Abraço: Assis

Oi Fernando,

tudo bem?

e a transcrição? vc já leu? está tudo certo?

Abraços,

Ana Lúcia.

Em minha pesquisa de doutorado (Guedes-Pinto, 2000), eu já havia focado a discussão sobre a devolução das entrevistas que realizei com as professoras-alfabetizadoras e um dos pontos mencionados por elas era o estranhamento de verem suas falas transcritas. A princípio, o texto transcrito era significado por elas de uma forma negativa; muitas faziam uma severa auto-crítica, com censuras e cobranças a respeito de seu modo de falar, tal como Lígia escreve em sua mensagem: “achei horríveis meus vícios de linguagem, mas é bom para eu prestar mais atenção na hora de falar”.

Porém, tanto na ocasião da pesquisa com as professoras quanto numa conversa com Lígia via mensagem eletrônica, chamei a atenção para as especificidades de cada modalidade da língua, a oral e a escrita, alertando-as sobre o quão comum é a ocorrência de vícios de linguagem na fala de qualquer pessoa, independentemente do seu grau de instrução. Aos poucos, com os esclarecimentos dados, elas chegaram à conclusão de que aquilo que percebiam nas suas falas por escrito não era algo tão preocupante. Pude constatar que aquela conversa com os entrevistados sobre essas particularidades do processo do trabalho de campo, sobre a transcrição de suas narrativas e sobre como era compreendida a entrevista constituía-se em um momento rico da relação pesquisador-pesquisado. Teixeira e Praxedes (2006, p. 161), ao tratar dos vínculos entre HO e educação, destacam a importância desse acolhimento à narrativa “tendo em vista a ética da interlocução que circunscreve a entrevista, a interrogação e a escuta”.

Um último ponto que pretendo abordar neste artigo se refere à mensagem recebida de outro sujeito da pesquisa, Alexandre. A maneira como ele respondeu à leitura do texto transcrito traz indícios de seu engajamento na proposta do trabalho de pesquisa, pois ele, além de dar seu aval à transcrição, colabora esclarecendo trechos que tinham ficado truncados (marcados por pontos de interrogação no texto da transcrição), assim como segue:

Oi Ana Lúcia, tudo bom com você? Então, por mim está tudo bem sim... Pensei em mandar algumas “correções” para ajudar naqueles pedaços em que a pessoa que transcreveu não sabia como que escrevia a palavra. Eu recortei e coleí no corpo do e-mail pra você ver. Espero que ajude.
Abraços,
Alexandre.

Na mensagem de Alexandre, junto com a informação de concordância com a transcrição, o estudante indica ter feito ajustes (denominados por ele como “correções”) nos trechos que ficaram incompreensíveis para serem transcritos. Nesse caso, identificamos a atitude responsiva (Bakhtin, 1997) do interlocutor em busca da compreensão do que se lê, conforme ressaltado anteriormente. Acredito que essa atitude de Alexandre revela o comprometimento que ele teve ao aceitar ser entrevistado para a pesquisa. Traduz um pouco o que Portelli (1997), Amado (1997), Teixeira e Praxedes (2006) referem quanto à importância da qualidade da relação que se constrói com os sujeitos com quem compartilhamos nosso trabalho.

Finalmente, creio que as variadas formas como cada sujeito aqui mencionado – Regina, Flávia, Lígia, Fernando, Adriana e Alexandre – se apropriou do texto transcrito de sua fala e atribuiu significados a ele nos confirmam a heterogeneidade constitutiva dos grupos com quem trabalhamos. Cada um deles, a seu modo, se inseriu de forma diferente na pesquisa, deixando marcas de sua singularidade. Regina, ao compartilhar o incômodo surgido da leitura da tese para sua mãe e propor uma reescrita, e Alexandre, ao corrigir a transcrição de sua entrevista, tornam mais visível o processo de construção conjunta dos sentidos para a elaboração da escrita acadêmica de uma pesquisa.¹⁶

16 Sobre as especificidades de cada gênero de discurso, ver Portelli (2001) e Bakhtin (1997).

Nos termos de Bakhtin, no campo das ciências da linguagem, a apropriação da palavra alheia, o uso do discurso do outro, visibilizam a diversidade de “escopos intencionais” contidos em um discurso e trazem elementos da complexa cadeia comunicativa presente entre os interlocutores. No campo da HO, o “ouvir contar” (Alberti, 2004), o acolhimento da narrativa alheia (Teixeira; Praxedes, 2006) e a negociação imanente ao processo de entrevista (Amado, 1997; Portelli, 1997, 2001) trazem à tona aspectos fundamentais da relação construída entre pesquisador e pesquisado. Os extratos aqui problematizados procuraram traçar algumas contribuições no âmbito da discussão sobre a ética na pesquisa em HO. Um último ponto a ser destacado, tendo em vista a análise da correspondência por e-mail entre entrevistadora e entrevistados, é o fato de a devolução da transcrição ter se mostrado como uma ocasião propícia para fortalecer os laços entre os interlocutores, assim como o engajamento de ambos com a pesquisa. Foi possível também perceber a reflexão provocada pelo processo de elaboração do texto, de produção do trabalho, em que são evidenciados o papel da narrativa (Alberti, 2004) e a força potencializadora contida na “oportunidade” da restituição (Portelli, 1997).

Referências

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AMADO, Janaína B. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. *Projeto História*, São Paulo, v. 15, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CERTEAU, Michel de. Teoria e método no estudo das práticas cotidianas. In: SZMRECSANY, Maria Irene (Org.). *Cotidiano, cultura popular e planejamento urbano* (anais do encontro). São Paulo: FAU/USP, 1985.

DUCROT, Oswald. *Provar e dizer: leis lógicas e leis argumentativas*. São Paulo: Global Editora, 1981.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. *Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2002.

_____. _____. Tese (Doutorado em Educação) – Unicamp, Campinas, SP, 2000.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia; PARK, Margareth Brandini. Ética e história oral: subsídios para um trabalho com populações em situação de risco. In: SIMSON, Olga R. M. Von; PARK, Margareth B.; FERNANDES, Renata S. (Org.). *Educação não-formal: cenários da criação*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In: FERREIRA, Marieta M.; FERNANDES, Tania M.; ALBERTI, Verena (Org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Casa de Oswaldo Cruz; CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, 2000.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

_____. História oral como gênero. *Projeto História*, São Paulo, v. 22, p. 9-36, jan./jun. 2001.

_____. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*, São Paulo, v. 15, jul./dez. 1997.

TEIXEIRA, Inês Assunção C. de; PRAXEDES, Vanda L. História oral e educação: tecendo vínculos e possibilidades pedagógicas. In: VISCARDI, Cláudia M. R.; DELGADO, Lucília de A. Neves (Org.). *História oral: teoria, educação e sociedade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Resumo: Este artigo problematiza o processo de compreensão do discurso alheio e da tomada da palavra do outro pelo pesquisador. Tendo como *corpus* dois conjuntos de entrevistas (realizadas para pesquisa de doutorado e para um projeto temático), a autora analisa, por meio das contribuições das ciências da linguagem (Bakhtin), os efeitos de sentido que o discurso acadêmico pode produzir na leitura do entrevistado. Com base nos estudos de Portelli e Amado, sobretudo suas considerações a respeito do cuidado ético do historiador oral, focaliza-se a relação entre pesquisador e pesquisado no contexto da devolução das entrevistas transcritas aos depoentes.

Palavras-chave: memórias de leitura, memória e formação, história oral e formação de professores.

Reading memories and training of teachers: considerations on the appropriation of the other's speech

Abstract: This paper discusses the process of understanding other people's speech and the taking of the other's word by the researcher. With a corpus of two sets of interviews (one for doctoral research and the other for a thematic project), the author analyzes, through the contribu-

tions of the sciences of language (Bakhtin), the effects of meaning that the academic discourse can produce on the reading of the interviewee. Based on the studies of Portelli and Amado and their considerations about the ethical care of the oral historian, it focuses on the relationship between the researcher and researched within the context of the return of transcribed interviews to the interviewees.

Keywords: reading memories, memory and training, oral history and teacher training.

Recebido em 21/07/2015

Aprovado em 09/11/2015